Felipe Tadeu Pontes

Cibermilitância:

Internet como plataforma de comunicação e espaço social para as minorias.

CELACC / ECA-USP
2011

Felipe Tadeu Pontes

Cibermilitância:

Internet como plataforma de comunicação e espaço social para as minorias.

Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em
Mídia, Informação e Cultura produzido sob orientação
do Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

CELACC / ECA-USP
2011

Resumo:

Este artigo pretende ampliar a visão sobre o uso de conexões em rede, pontuando uma geração que utiliza essa ferramenta para criar e manter espaços cyber sociais e representações com autonomia própria. Aqui, os usuários deixam de ter um representando e tornam-se responsáveis pelas suas próprias representações, manifestadas pelas decisões a serem seguidas.

Palavras-chaves: ações políticas, internet, representações, sociedade virtual.

Abstract:

This article aims to broaden the view on the use of network connections, scoring ageneration that uses this tool to create and maintain cyber social spaces and representations with their own autonomy. On this situation, users no longer have an accounting and become responsible for their own representations, expressed by the decisions to befollowed.

Keywords: political action, internet, representations, virtual society.

Resumen:

Este trabajo tiene como objetivo ampliar la visión sobre el uso de conexiones de red, marcando una generación que utiliza esta herramienta para crear y mantener espacios cibernéticos y las representaciones sociales con su propia autonomía. Aquí, los usuarios ya no tienen una contabilidad y se convierten en responsables de sus propias representaciones, expresadas por las decisiones que se deben seguir.

Palabras clave: acción política, internet, las representaciones, la sociedad virtual.

01. INTRODUÇÃO **05**

02.SOCIEDADE EM REDE **06**

03. DEMOCRACIA E SOCIEDADE PARTICIPATIVA **08**

04. SOCIEDADES EM ORGANIZAÇÕES **09**

05. APOGLBT **10**

06. A PARADA **10**

07. CIBERMILITÂNCIA **12**

08. CONSIDERAÇÕES FINAIS **14**

09. BIBLIOGRAFIA **16**

10. ANEXO **18**

01. INTRODUÇÃO

Segundo a empresa relacionada ao universo cibernético comScore, hoje temos mais de 800 milhões de pessoas que acessam a internet no mundo; um número um pouco menor, que a pesquisa publicada no Jornal online Estadão, onde na matéria assinada pelo jornalista Jamil Chade, com dados da ONU, diz que ao final de 2009, os números representavam 1,7 bilhão de pessoas.

Com a necessidade de comunicação e o crescimento das relações através dos meios tecnológicos, a cada dia, inúmeros grupos, pessoas e organizações, iniciam um trabalho e uso da internet como forma de obter espaço social e projeção de idéias e ideais, de forma simples e igualitária.

Uma vez que existem inúmeros caminhos para que esses grupos possam expor os conteúdos produzidos - blogs, redes de relacionamentos pessoais, sites gratuitos, microblogs, broadcasting -, a internet se transforma em uma ferramenta "democrática" onde as classes sociais e econômicas estão em segundo plano, dando possibilidades iguais aos usuários da rede. As aspas, aqui, separam àqueles que ainda não utilizam as ferramentas online pela falta de conhecimento de suas funções e funcionalidades.

Nesse universo, o espaço é infinito, não delimitando o conteúdo a ser produzido e sua distribuição, diferente de outras mídias, pois comporta as mais variadas linguagens em um único conteúdo: vídeos, áudios, textos, links, fotos e interatividade. Esses exemplos são os grandes diferenciais, que possibilitam inúmeras experiências e atrai atenção, ao que se é proposto.

Hoje, já existem e são elencados inúmeros casos de grupos e indivíduos cujo uso da internet possibilitou atingir objetivos, até inesperados, através de conteúdo publicado na rede. Com as novas tecnologias surgem também, novas possibilidades de comunicação, negócios e meios de relacionamento interpessoal. Além desse universo referente ao meio de comunicação "sem limites", surgem as possibilidades da criação de ambientes, situações e pessoas além das que possam existir na realidade, perfis.

Mitos, regras, ícones – tanto em formatos, quanto no âmbito pessoal e de personalidade – são lançados, criando um universo paralelo ao real. Esse por sua vez, pode complementar, interferir, modificar ou ainda ser um ambiente que abriga conteúdos exclusivos e feitos especialmente para o mesmo.

As limitações dessa ferramenta são visíveis quando os usuários precisam estar aptos a usá-la. Linguagem técnica, conhecimento mínimo para utilizar um computador, assinatura de banda larga e/ou provedor ou ainda acesso a lugares públicos ou privados à internet.

Como os grupos, considerados minoria, usam a tecnologia e ferramentas disponíveis, muitas vezes gratuitas, através das conexões em rede a seu favor?

Além de todas essas questões e pontos, o meio digital através das conexões em rede, possibilita com que cada usuário ou grupo que defende o mesmo pensamento e interesse, possa exercer suas próprias representações em decisões e busca de direitos por uma determinada causa, ou seja, nesse universo, caí a idéia de ter um representante para um determinado grande grupo, para que cada pessoa possa se auto-representar e estar mais próximo às decisões, opções e soluções.

Desta forma, quebra-se a barreira existente entre representantes e representados, desconstruindo a ideia de poder unitário, dividindo as possibilidades de novas experiências na construção e desenvolvimento de uma sociedade, seja está uma sociedade civil ou virtual.

02. SOCIEDADE EM REDE

Segundo os estudos de Castells, o novo modo, transformado, da ordem econômica e social, se dá devido à revolução tecnológica focada nas tecnologias da informação e comunicações. Momentos históricos contribuem para tal fenômeno como: a reestruturação do capitalismo, a integração dos mercados financeiros, o aumento da concorrência econômica global, um novo sistema de comunicação digital e o rápido crescimento significativo das redes de computadores. Tudo isso, representa um novo modo de ver a economia no mundial e formas de negócios.

Ao mesmo tempo, mudanças sociais igualmente importantes como a democracia que vem de encontro aos governos de hierarquia, preocupações ambientais, as verdades dos sistemas políticos e ainda a fragmentação dos movimentos sociais, que sofrem com grandes mudanças, fazem com que os indivíduos se reorganizem em formações primárias como: religiosas, étnica e/ou territoriais, caracterizando uma sociedade pobre de diversidade e diferentes tipos de interesses.

> *"Em um mundo de fluxos globais de riqueza, poder e imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se a fonte básica de significado social.". (CASTELLS, 2000: p. 23)*

A partir daí, um novo modelo de comunicação refere-se como sistema em que a própria realidade, em experiências simbólicas e reais de cada indivíduo, é captada e traduzida em diferentes plataformas e formatos como imagens virtuais; uma espécie de mundo paralelo onde as aparências se transformam em experiências modificadoras de realidades e visões de mundo. Segundo Castells, a Sociedade em Rede, desta forma, se caracteriza em sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais.

> *O novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de luxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programados para interagir entre si na mesma mensagem. O espaço de fluxos e o tempo intemporal são as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta se vai tornando realidade. (CASTELLS, 2000: p. 57)*

As conexões em rede são estruturas livres e abertas, capazes de expandir um universo virtual de forma ilimitada, criando assim, uma sociedade com indivíduos que compartilham as mesmas ferramentas de comunicação. Essa estrutura social, baseada em conexões em rede, é considerada totalmente dinâmica e considera as inovações e novos modos de uso, um aliado ao seu desenvolvimento e expansão, diferente de causar qualquer ameaça a sua existência. Castells considera que as redes podem ser instrumentos apropriados para:

- *Economia capitalista baseada em: inovação, globalização e descentralização;*
- *Trabalhadores e empresas flexíveis e adaptáveis;*
- *Cultura de desconstrução e reconstrução constante, ou seja, novas formas de sociedade constante;*
- *Política de facilidade de imposição/aceitação de novos valores;*
- *Organização social sem limites de espaços e tempo.*

Desta forma, o que hoje é considerado um processo dominante na era da informação, se organiza e utiliza das ferramentas das conexões em rede para contribuir e participar desta cibersociedade, que se forma a partir do crescimento tecnológico.

> *Redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. (CASTELLS, 2000: p. 72)*

03. DEMOCRACIA E SOCIEDADE PARTICIPATIVA

O regime de democracia e/ou sociedade participativa contempla um sistema onde se pretende que existam mecanismos de controle da sociedade civil sob a administração pública, ou seja, não se reduz o papel democrático apenas ao voto, mas também estende a democracia para a esfera social – povo ou cidadão comum.

Como democracia participativa considera-se um modelo/ideal onde o exercício do poder político é colocado em debate público entre indivíduos que constituem a sociedade, tendo assim uma condição igualitária de participações. Isso, coloca a ser verdadeiro como decisões políticas, um processo de discussão, das diversidades de pensamento, igualdade participativa, princípios de inclusão e autônima, como também a justiça social. Tudo isso, pode ser agente transformador na lógica de poder político tradicional, como é citado na tese de mestrado de Lígia Helena Hahn - *Possibilidades e limites da democracia deliberativa: a experiência do orçamento participativo de Porto Alegre:*

> *A democracia deliberativa constitui-se como um modelo ou processo de deliberação política caracterizado por um conjunto de pressupostos teórico-normativos que incorporam a participação da sociedade civil na regulação da vida coletiva. Trata-se de um conceito que está fundamentalmente ancorado na idéia de que a legitimidade das decisões e ações políticas deriva da deliberação pública de coletividades de cidadãos livres e iguais. Constitui-se, portanto, em uma alternativa crítica às teorias "realistas" da democracia que, a exemplo do "elitismo democrático", enfatizam o caráter privado e instrumental da política. (REIS, 2008: p19)*

Ao longo dos tempos, a palavra democracia, deixou de abranger o sentido real de poder coletivo para simbolizar ao ato da escolha dos dirigentes, sem participação direta da sociedade civil, organizada na administração de seus respectivos governos eleitos.

Na etimologia, democracia vem do grego, onde demos significa povo e kratein o mesmo que governo, ou seja, um governo do povo. Esse processo tem origem em Atenas do

século V antes de Cristo, e era entendido como uma forma de governo fundamentado em três direitos essenciais aos cidadãos atenienses: igualdade, liberdade e participação no poder. Da democracia ateniense – cujo exercício se dava por meio das assembléias entre cidadãos – passa-se para modernas democracias: representativa e participativa.

Tomamos aqui como um bom exemplo do sistema de economia participativa, o orçamento participativo, que tem o intuito de deixar que os indivíduos de uma determinada sociedade destinem parte dos recursos públicos; isso em um processo comunitário aberto aos cidadãos, onde se seguem passos como: propostas, prioridades e encaminhamento ao governo, para que ele atenda a solicitação através de investimento público.

04. SOCIEDADES EM ORGANIZAÇÕES

No Brasil e no mundo existem milhares de grupos que, pelos mesmos objetivos, se organizam e formam "comunidades" para defenderem os interesses em comum. Esses grupos, muitas vezes deixam de ser informais e passam a registrar-se na sociedade de forma atuante e contínua na busca de seus objetivos, então, podemos denominá-los como ONG´s. Mas o que são ONG´s?

Se necessário fosse listar todas as organizações não-governamentais, incluindo tudo o que não pode ser considerado uma empresa, teríamos que colocar nesta lista, grupos que não fazem parte do Estado, e isso nos colocaria de frente com grupos de visões e ações contrárias a uma boa ordem social, como a organização terrorista Al Qaeda, por exemplo. Por também esse motivo, pode-se considerar que não existe uma definição exata para expressar o que venha a ser uma ONG, pois, além da sigla, essa forma de processo de organização pode ser considerado uma filosofia de vida.

Em nossa lei, não há citações sobre associações, fundações e organizações civis de interesse público, ou seja, não existe no Brasil, uma lei que utilize a sigla ONG. Isso significa que as regras, leis e ordens que esses grupos estão fundamentados foram estabelecidas e construídas pelas diretrizes dos indivíduos participantes.

> *Andréa Koury Menescal, "provindo da denominação em inglês Non-Governmental Organizations (NGO), diz que o termo ONG tem sua origem nas Nações Unidas, onde foi pela primeira vez utilizado" como referência a organizações supranacionais e internacionais. "Na resolução 288 (X), de 1950, do Conselho Econômico e Social, ONG foi definida no âmbito das Nações Unidas como sendo uma organização internacional a qual não foi estabelecida por acordos governamentais."*

(http://www.senado.gov.br/senado/conleg/artigos/especiais/OrganizacoesNaoGovernamentais.pdf)

Mas nem todos os grupos organizados em prol de uma causa, seja ela grande ou pequena, pode ser considerada uma ONG, como ser uma organização sem fins lucrativos, por exemplo. Os objetivos dessas causas e atividades precisam sempre estar voltados à sociedade.

> *"As ONGs são entidades comprometidas com determinadas causas. É um projeto político, uma interferência direta na sociedade", Jorge, da ABONG (Associação Brasileira de Organizações não Governamentais) (http://super.abril.com.br/cotidiano/servem-ongs-444432.shtml)*

Podemos tomar como explicação para dar sentido as definições de ONG´s, um trecho do que fiz a autora Thereza Montenegro:

> *"ONGs são um tipo particular de organizações que não dependem nem econômica nem institucionalmente do Estado, que se dedicam a tarefas de promoção social, educação, comunicação e investigação/experimentação, sem fins de lucro, e cujo objetivo final é a melhoria da qualidade de vida dos setores mais oprimidos." (MONTENEGRO,1994. 98p)*

05. APOGLBT

Um exemplo de organização, cujo a luta defende o interesse de uma parcela significativa da sociedade é a APOGLBT - Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo - que é uma entidade responsável pela organização do Mês do Orgulho LGBT de São Paulo. Isso consiste em um conjunto anual de atividades realizado com o objetivo de promover a auto-estima da população LGBT – lésbicas, gays, bissexuais e transexuais – e reivindicar por igualdade de direitos, educando a sociedade para a conscientização sobre as diferentes sexualidades e pelo fim da discriminação.

O Mês do Orgulho LGBT de São Paulo é um dos eventos mais reconhecidos do calendário da cidade, tanto por sua importância histórica como manifestação social.

Apesar de ser a atividade com a maior visibilidade entre os trabalhos do grupo, a Associação trabalha durante o ano todo, agindo como representante e interlocutora da população LGBT, e oferece diversos serviços gratuitos à sociedade. Para que tudo isso aconteça, focando o principal evento anual da organização, os membros desse sistema, usam como ferramenta principal as conexões em rede, que facilitam a acessibilidade entre transmissores e receptores de informações, quanto customizam custos, tempo e espaço.

A PARADA

Segundo um artigo publicado em março de 2012 no site de psicologia política da Universidade de San Luis, Argentina, as manifestações no Brasil seguem um histórico:

> *As marchas no Brasil são manifestações recentes que começaram a ocorrer somente em 1995, por ocasião da celebração do congresso internacional da ILGA (International Lesbian and Gay Association) na cidade do Rio de Janeiro. Na atualidade, disseminaram-se por todo o país, sendo que a marcha organizada pela militância da cidade de São Paulo é a primeira manifestação do orgulho LGBT, assim como a que reúne mais pessoas no mundo. Certamente, a Parada de San Francisco, nos Estados Unidos, ainda é a mais emblemática parada organizada pelos numerosos coletivos que compõem o movimento de liberação homossexual. (http://www.psicopol.unsl.edu.ar/abril2012-nota09-Memoria,%20conciencia%20y%20pol%EDticas%20publicas-el%20papel%20de%20las%20marchas%20del%20orgullo%20LGBT.pdf)*

Segundo um post criado na Enciclopédia Livre Wikipédia por Leandro Rodrigues, um dos responsáveis pelo conteúdo informativo e redes sociais da APOGLBT, com dados baseados em estatísticas e estudos da própria ONG; a Parada do orgulho LGBT de São Paulo é um evento registrado no *Guiness Book* considerado a maior parada gay do mundo, na edição do ano de 2006, baseado em estimativas feitas pela Polícia Militar do Estado de São Paulo, que contabilizou 2,5 milhões de participantes. Este evento teve sua primeira edição em 1997, na Avenida Paulista - São Paulo, onde acontece até os dias de hoje.

Em 2004, a Parada de São Paulo passou a ser considerada a maior marcha deste tipo no mundo, com o foco principal pela reivindicação ao combate à homofobia - tema que permanece desde 2006. Freqüentado pelo público LGBT - lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis e transexuais -, o evento é embasado na conscientização a diversidade, difundindo ideologias e pensamentos através de palestras, seminários, shows e apresentações que ocorrem antes e depois da marcha na Avenida Paulista; e além dessas atividades, também atrai um público significativo de simpatizantes e pessoas curiosas que passam pelo local, por conta das pessoas públicas que apóiam a causa.

Segundo a SPTuris - empresa estatal de turismo do município de São Paulo -, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo é o evento que atrai o maior número de turistas à cidade, e em todo o país, só fica atrás do Carnaval do Rio, referente aos turistas de outros países. A

edição de 2011, foi record de público em comparativo a todas a outras, estimando-se quatro milhões de pessoas.

Um dos temas já abordados pela marcha organizada pela APOGLBT foi "Sem homofobia, mais cidadania – Pela isonomia dos direitos", que simplifica a igualdade entre os indivíduos de uma sociedade real, que se inicia através do movimento da ONG através das redes sociais, em uma sociedade organizada através das conexões em rede, onde as diferenças entre classes, cores, crenças e orientação sexual, são diluídas em um espaço democrático de troca e consumo de informações instantâneas.

07. CIBERMILITÂNCIA

Com o crescimento e popularização das conexões em rede e acessibilidade, a sociedade pode "migrar" seus costumes, criar novos e se habituar a outros antes inimagináveis. Com tudo isso, foi possível a criação de um novo imaginário coletivo, no qual os indivíduos podem estar despidos de visões políticas e opiniões, que poderiam ser reprimidas e repreendidas anteriormente. Esse imaginário, sendo uma inteligência coletiva, por sua organização e conduta, gera, certo modo, decisões políticas que podem substituir àquelas tradicionais.

As Redes Sociais, como ferramentas que protagoniza um dos atuais fundamentos do ciberespaço, são aliadas aos trabalhos das ONG que vêem na internet um modo democrático de discussão, ampliação e estudos de novos conceitos e opiniões aos mais diferentes grupos existentes na sociedade civil.

Segundo o sistema *DoubleClick ad planner - Google,* que registra estatísticas dos mil maiores sites do mundo, que também é responsável por redes sociais, os números surpreendem e mudam a cada dia: são 370 milhões de usuários únicos por mês, gerando 69 bilhões de page views no mesmo período, e ainda afirma que há um nível mundial, 38,5% da internet usa o Facebook de alguma forma. Nesta lista de redes, entra também o Twitter com 89 milhões de usuários e Youtube com 500 milhões logins.

A APOGLBT hoje usa essas dadas ferramentas do ciberespaço como uma forma de conquistar espaço na sociedade civil, difundindo seus suas raízes e abrigando aos que, de alguma forma, fazem parte desse grupo social. É janela para cobertura jornalística e produção própria de conteúdo, para manterá ONG em evidencia no cenário nacional para discussão de assuntos pertinentes à população GLBT e ao movimento.

> *A Parada, com toda a sua projeção nacional e internacional, também serve como uma ferramenta de comunicação orgânica da Associação, pois é através dela que conseguimos a inserção na mídia e alcançamos públicos que possuem maior resistência. – Leandro Rodrigues.*

Segundo Cléo Dumas, - advogada, especialista em direito constitucional e ciências políticas, ativista/ militante LGBT e especializada em Direito Homoafetivo – são feitas ações durante todo ano para que a causa tome mais força, divulgando nas redes sociais os pensamentos e diretrizes da organização, de acordo com os interesses da classe.

> *Os acessos em posts, vídeos, textos e marketing on-line, são muito maiores do que qualquer outro tipo de plataforma já utilizado até os dias de hoje. A internet e seus artifícios, nos permite atingir todos aqueles que lutam pelos ideais do movimento GLBT, que por sua vez, ganha mais força de acordo com os eventos realizados após processos virtuais.*
>
> *Esse trabalho pela luta pela igualdade na sociedade real, inicia-se bem antes nos cyber espaços, onde os usuários podem e têm um "espaço" de opiniões igual e amplo nas diversas possibilidades de expressão. (http://www.cleodumas.com.br)*

Antes do surgimento das redes sociais e do ciberativismo, a APOGLBT se comunicava da mesma forma que os demais movimentos sociais, através de ações de mobilização em locais estratégicos, distribuição de panfletos e materiais politico-educativos e abordagem "corpo-a-corpo" para conscientização, esclarecimento e captação de novos ativistas.

Hoje o trabalho é feito também através das conexões onde somam indivíduos em três diferentes vertentes de uma mesma plataforma e ferramenta, que se dividem em quatro mil usuários em Orkut, dois mil seguidores no Twitter, e mais de um milhão e meio de fãs no facebook.

> *Com certeza, mas essa democratização se dá principalmente através das redes sociais, que permitiram uma maior aproximação, transparência e interação com a opinião pública e ativistas de outras regiões do Brasil e diversos outros países. As redes possibilitam um feedback instantâneo acerca de nossas iniciativas e opiniões; antigamente, este procedimento se dava de forma mais lenta, o que acabava por desestimular a participação popular. – Leandro Rodrigues.*

Além dos trabalhos realizados pela APOGLBT, existem outros casos no Brasil e no mundo, que exemplificam esse processo atual de liberdade de expressão, planejamento de novas sociedades e grupos com interesses específicos e individuais. Todos esses, usam o ciberespaço e a capacidade de uma nova realidade ideológica, imaginário coletivo, como plataforma de projeção de ideais, organização e processos de manifestações.

Não muito distante desta realidade, na Espanha, jovens indignados fizeram uma série das manifestações em protesto contra os partidos políticos do país, por não se sentirem representados por tais.

O protesto foi realizado por um movimento intitulado M-15, mobilizando milhares de pessoas em 50 cidades, todas baseadas num manifesto intitulado Democracia Real Já, embora tenha sido um embrião e frutos das conexões em rede.

As principais manifestações foram em Madri, Puerta del Sol, e em Barcelona, Plaza Catalunya. Pelo que se pode entender do movimento, eles condenavam o bipartidarismo espanhol - PSOE e PP -, e afirmavam que outra política era então possível.

Tal situação surgiu às vésperas das eleições municipais espanholas e mobilizou os setores de esquerda que queriam absorvê-lo. As redes sociais foram a base da convocação, que pôde reunir milhares de jovens em uma manifestação presencial munidos de cartazes, reclamações das limitações do mercado de trabalho e também a crise européia, que atingiu países como a Grécia, Espanha e Portugal e reduziu as chances de emprego da juventude.

08. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a globalização das informações, grande fluxo de acontecimentos e interesses entre os mais variados grupos existentes, aliados com o avanço e acessibilidade tecnológica, os indivíduos que obtêm informações, são possibilitados em serem seus próprios representantes, discutindo com o grupo de interesse suas ações e dividindo as responsabilidades, ao invés de serem representados por um único indivíduo cujo a visão é ainda mais ampla em relação a cada interesse grupal. Tudo isso, traduz a grande possibilidade das opiniões individuais serem mais fortes nas tomadas de decisões que contribuem para o desenvolvimento desses grupos, que cada vez mais, são criados e difundidos na sociedade civil.

A cibermilitância, nada mais é do que ações realizadas por organizações/grupos - sejam eles ONGs ou não -, através das conexões em rede, utilizando das ferramentas disponíveis na web para que discussões, movimentos e planejamentos sejam feitos em prol do

interesse coletivo, independente do número de participantes. Os números não são fatores importantes nestes casos, pois a força para atingir os objetivos aqui, independe de grandes quantidades, mas sim, dos trabalhos através das informações - subsídios para o nascimento, desenvolvimento e crescimento dos menores grupos e suas visões.

Deixar de ser representado e se auto-representar perante uma sociedade, seja ela virtual ou não, coloca a tona as possibilidades de protestos e movimentos dados através da cibermilitância. A liberdade de expressão dada pelos meios online por baixos custos e acessibilidade, possibilita também com que os indivíduos se organizem das mais diferentes maneiras tendo um espaço próprio de discussões, abrindo caminhos muito antes desconhecidos pela falta de "poder" e "voz" na sociedade do dia a dia.

O espaço social é conquistado pelas minorias através das conexões que, por sua vez, constroem uma sociedade virtual capaz de abrigar as milhares de informações que circulam na sociedade civil, muitas vezes gerada pelos suportes online; ou seja, duas sociedades distintas, que abrigam pessoas capazes de assumirem papeis completamente opostos: em uma ser o representado e em outra o representante.

Esse processo é uma descoberta recente e seus usuários ainda não possuem reais proporções de abrangência e poder de influência real relacionado aos envolvidos em cada caso, isto é, as ferramentas que o ciberespaço dispõe, a cada dia, é testada de acordo com as necessidades de pessoas e grupos, se adequando à causas e processos de comunicação e interlocução entre indivíduos. O avanço tecnológico modifica o comportamento das conexões em rede em suas formas, plataformas e metodologia a cada instante, ou seja, os processos de comunicação que se dispões nesta plataforma, não são processos fechados e únicos, eles estão em constante desenvolvimento e mutação de acordo com cada situação. Assim, os grupos, ONGs e processos que dependem e se constroem através das vantagens do ciberespaço, também sofrerão com as modificações em seus processos decorrentes as ferramentas do meio virtual, estudando e aprendendo assim, com a sua própria história evolutiva.

09. BIBLIOGRAFIA

REIS, Ana Carla Fonseca, **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável.** Editora Manole, 2007

CASTELLS, Manuel, **A SOCIEDADE EM REDE**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. / Titulo Original: The rise of the Network Society, 1997 / Tradução: Roneide Venâncio Majer

MORAES, Dênis de. O**, Planeta Mídia: tendências da comunicação na era global**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

MORAES, Dênis de. O, **O concreto e o virtual: mídia, cultura e tecnologia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

DOS SANTOS José Luiz, **O que é Cultura**. Brasil: Editora Nova Cultura / Editora Brasiliense, 1986)

RECUERO, Raquel, **Redes Sociais na Internet.** Editora Sulina, / Coleção Cibercultura, 2009

CADÉ Charles, **Comunicação em Rede** - http://www.comunicacaoemrede.com

COSTA Gouveia Daniel, **Comunicação Multimídia na Internet**. Editora Moderna, 2007

AMARAL, Adriana, RECUERO, Raquel, MONTARDO, Sandra, **Estudos sobre Blogs e Comunicação**. Blogs.com, 2010

PRIMO Alex, **Interação mediada por computador: Comunicação - Cibercultura – Cognição**. Editora Sulina, 2007

DORIA Francisco Antonio Doria e DORIA Pedro Doria, **Comunicação: dos fundamentos a internet**. Editora: Revan, 1999

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia criativa: como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento.** São Paulo: Itaú Cultura, 2008.

MONTENEGRO, Thereza. **O que é ONG**. São Paulo: Brasiliense, 1994. Coleção Primeiros Passos

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn. **Possibilidades e limites da democracia deliberativa: a experiência do orçamento participativo de Porto Alegre**. Campinas, SP : (s. n.), 2002. Orientador: Rachel Meneguello. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de

Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, p. 19.

Parada gay é o evento que atrai mais turistas a São Paulo. O Globo online, 05.06.2007

Sem trios de boates, política avança na Parada Gay de SP. Folha Online, 15 jun 2009

Cristãos gays fazem protesto durante Parada Gay. Folha Online, 14 jun 2009

Parada Gay deve atrair mais de 300 mil turistas a SP. Folha Online, 21 mai 2008

As diferentes maneiras de contabilizar a multidão gay. Estadão, 26 de maio de 2008

Organizadores afirmam que Parada Gay de SP reuniu 3,1 milhões de pessoas. Folha Online, 17 jun 2009

No mundo, 75% da população ainda não tem acesso à internet. Estadão Online, 25 de maio de 2010

10. ANEXO

Entrevista com Leandro Rodrigues, um dos responsáveis pelo conteúdo informativo e redes sociais da APOGLBT - Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo -, para Felipe Pontes, em janeiro de 2012.

Felipe para Leandro - Como era a comunicação/relação entre a Associação e público alvo antes da existência das redes sociais e sites livres de conteúdos?

Leandro - Antes do surgimento das redes sociais e do ciberativismo, a APOGLBT se comunicava da mesma forma que os demais movimentos sociais, através de ações de mobilização em locais estratégicos, distribuição de panfletos e materiais politico-educativos e abordagem "corpo-a-corpo" para conscientização, esclarecimento e captação de novos ativistas. A Associação possui um site desde que a internet tornou-se mais acessível, em meados de 2000, e este canal continua sendo uma janela para suas ações e divulgação de seus projetos e atividades, além de servir de fonte de pesquisa para todos os interessados nos assuntos relacionados ao seu segmento de atuação (população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – LGBT). A Parada, com toda a sua projeção nacional e internacional, também serve como uma ferramenta de comunicação orgânica da Associação, pois é através dela que conseguimos a inserção na mídia e alcançamos públicos que possuem maior resistência.

Felipe - Quais as ferramentas disponíveis na internet que ajudam no seu trabalho?

Leandro - Utilizamos nosso próprio site, enviamos newsletter para pessoas que se cadastram em nossa home, participamos de diversos e-groups, divulgamos nossas notícias em redes sociais e contamos com o apoio dos principais portais segmentados (MixBrasil, A Capa, G.Online, Mundo Mais etc) para reprodução de nossos releases. Também contamos com um mailing amplo de imprensa, através do qual também estabelecemos contatos por e-mail com jornalistas da grande mídia e conquistamos inserção nos grandes veículos da web.

Felipe - Como cada ferramenta lhe auxilia nas tarefas desempenhadas? Que tarefas são essas?

Leandro - Basicamente, todas as ferramentas servem para divulgação de nossas ações e de nossa cobertura jornalística e produção de conteúdo próprios. A principal tarefa executada pelas ferramentas é manter a APOGLBT em evidência durante todo o ano, e não apenas durante o mês de realização da Parada, além de inseri-la no cenário nacional para discussão de assuntos pertinentes à população LGBT e ao movimento.

Felipe - Você acredita que a internet é uma plataforma democrática para a divulgação de conteúdo?

Leandro - Com certeza, mas essa democratização se dá principalmente através das redes sociais, que permitiram uma maior aproximação, transparência e interação com a opinião pública e ativistas de outras regiões do Brasil e diversos outros países. As redes possibilitam um feedback instantâneo acerca de nossas iniciativas e opiniões; antigamente, este procedimento se dava de forma mais lenta, o que acabava por desestimular a participação popular.

Felipe - Quais são os sites usados pela Associação para divulgação de conteúdo? (youtube, face, ect)

Leandro - O primeiro canal da APOGLBT nas mídias sociais foi uma comunidade no Orkut que, atualmente, apesar de ser mantida e possuir quase 4 mil usuários, não tem mais produção de conteúdo ativa devido à deficiência desta rede em ampliar a participação e interação com o público. Nossos principais perfis são o do Twitter (@paradasp), com quase 2 mil seguidores, e a página no Facebook (www.facebook.com/paradasp), que possui cerca de 1,5 mil fãs. Em 2009, criei o verbete sobre a Associação na Wikipedia, tendo em vista que já existia um sobre a Parada. Há também um canal de vídeos no YouTube (www.youtube.com/apoglbt), porém, com a facilidade de compartilhamento de outros perfis, até o momento ele foi pouco utilizado para a publicação de conteúdo próprio.

Felipe - Qual o comparativo de público entre antes do uso das ferramentas da internet e agora?

Leandro - Para a associação, esse processo se dá de forma inversa. Nossa grande representatividade de público (aproximadamente, 4 milhões de pessoas em 2011) é que nos auxilia em divulgar nossos perfis nas redes. Para nós, essas ferramentas servem mais para divulgar o trabalho de ativismo político da Associação do que propriamente as informações sobre a programação, que já se dá de forma natural pela imprensa geral e segmentada, além

do boca-a-boca do público. A cada Parada, percebemos um aumento significativo de novos usuários que interagem conosco na internet.

Felipe - Quais as estratégias usadas a partir das tecnologias virtuais?

Leandro - Já há alguns anos, a Associação tenta aproximar o público da organização efetiva da Parada e das demais atividades, e as novas tecnologias ampliaram nosso alcance. O tema da próxima edição da manifestação (que ocorre em 10 de junho de 2012) foi inteiramente debatido e escolhido através do Twitter e do Facebook, com a promoção da campanha "#temadaparada", em que pedimos aos usuários que enviassem sugestões utilizando esta hashtag. Após a diretoria e coordenadorias da entidade terem selecionado as três melhores frases, abrimos uma votação pública em nosso site, para que o próprio público escolhesse o tema que fosse mais apropriado. Atualmente, está no ar um questionário criado a partir da plataforma do Google Docs para que o público indique os homenageados para a nossa premiação anual, intitulada "Prêmio Cidadania em Respeito à Diversidade", que ocorre há 11 anos às vésperas da Parada.

Além disso, é através da web que tornamos pública a nossa opinião, seja para rejeitar ou parabenizar alguma ação do poder e suas políticas públicas, casos de agressão, avanços e regressões culturais etc. Portanto, toda nota oficial que emitimos é amplamente divulgada nas redes sociais.